

humanitas

Vol. XLVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. XLVI • MCMXCIV

2.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA

DOS DOUTORES WALTER DE MEDEIROS E MANUEL PULQUÉRIO



AIRES PEREIRA DO COUTO

Universidade Católica

Centro de Viseu

O POEMA *Fontellum* DE ANTÓNIO DE CABEDO *

António de Cabedo pertenceu a uma ilustre família de Setúbal, de que podemos destacar o seu tio D. Gonçalo Pinheiro, o seu irmão Miguel de Cabedo e o seu primo Diogo Mendes de Vasconcelos, todos eles juristas ou canonistas de renome e os dois últimos também poetas novilatinos. Dos poetas desta família, o menos conhecido foi precisamente António de Cabedo, talvez por ter morrido com apenas 25 anos e também pelo facto de ter sido confundido com um sobrinho seu homónimo, filho de Miguel de Cabedo.

Filho de Jorge de Cabedo e de Teresa Pinheiro, António de Cabedo nasceu em Setúbal, provavelmente em 1530, e faleceu na mesma cidade 25 anos depois. Estudou em Bordéus, em Paris e na Universidade de Coimbra, onde obteve o grau de bacharel em Cânones em 18 de Julho de 1554. Paralelamente aos estudos, António de Cabedo seguiu a carreira eclesiástica, tendo sido prior da Igreja do Salvador da Trofa.

A produção literária deste poeta novilatino foi publicada pelo seu sobrinho Gonçalo Mendes de Vasconcelos na edição de 1597 do *De antiquitatibus Lusitaniae* de André de Resende, pp. 515-576; e foi reimpressa no vol. I, pp. 449-504, do *Corpus illustrium poetarum latinorum qui latine scripserunt*, editado em 1745 por António dos Reis e Manuel Monteiro¹.

* Este artigo resulta da adaptação de um capítulo da nossa dissertação de mestrado em Literatura Novilatina em Portugal que elaborámos sob a superior orientação do Professor Doutor Américo da Costa Ramalho e que foi apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em Maio de 1990.

¹ Sobre António de Cabedo e a sua obra literária, vide o nosso artigo «António de Cabedo — Poeta Novilatino», in *Máthesis*, 1, Viseu, (1992), pp. 192-219.

É precisamente de um dos seus poemas, o *Fontellum* ², que constitui uma descrição da quinta do Fontelo nos meados do século XVI, que nos vamos ocupar.

Desde tempos muito antigos que alguns homens mais favorecidos pela fortuna se preocuparam em criar para si locais onde se pudessem recrear. O ordenamento de quintas, visando apenas funções recreativas ou, simultaneamente, de recreio e de produção de bens de consumo «constitui uma arte cuja história remonta às velhas civilizações neolíticas de tipo sedentário alicerçadas simultaneamente na caça, na pastorícia e na horticultura» ³.

Em Portugal, é a partir do século XVI que a arte das quintas de recreio adquire maior incremento, por influência dos jardins e criações paisagísticas italianos surgidos no século XV, cuja fama corre então por toda a Europa.

Nesta época, o episcopado português rivalizava com a realeza e com a nobreza na opulência das quintas de recreio. Hoje, essas quintas luxuosas estão, na sua quase totalidade, bem distantes do seu antigo esplendor. A quebra de prestígio e poder do alto clero, a falta de meios por um lado, o abandono e desleixo por outro, são as causas que principalmente contribuíram para esta decadência. Pena é que não tenham chegado até nós pinturas ou descrições pormenorizadas destes verdadeiros monumentos da arte renascentista. Apenas num ou noutro caso, como por exemplo a quinta do Fontelo, foram celebrados por poetas que, logicamente, levados pela imaginação, se desviavam da realidade.

Em ambas as edições existentes da obra de António de Cabedo, o poema *Fontellum* aparece precedido de uma carta dirigida a D. Gonçalo Pinheiro, na qual o poeta revela que, aquando da sua passagem pelo Fontelo, muito se admirou com os encantos do lugar, encantos que logo o levaram a compor um epigrama que seria o ponto de partida para o que viria a ser o poema *Fontellum*.

Nesta carta, António de Cabedo começa por recordar, um ano depois, a sua passagem pelo Fontelo. No fim dessa recordação, correspondente à primeira parte da carta, o poeta apresenta o epigrama por ele feito aquando da sua visita ao Fontelo, numa altura em que esta

² In André de Resende, *op. cit.*, pp. 534-542.

³ Ilídio de Araújo, «Quintas de recreio» in *Bracara Augusta*, XXVII, fasc. 63, (1973), p. 322. Este artigo apresenta um breve, mas interessante, estudo da evolução das quintas de recreio, desde os seus primórdios até ao século XVIII.

quinta de recreio se encontrava abandonada, isto é, antes da vinda para Viseu de D. Gonçalo Pinheiro, em 1553. Esta sua visita deve poder datar-se precisamente de princípios de 1553, já que o poema *Fontellum* deve ter sido escrito, como veremos mais adiante, em Agosto e Setembro desse mesmo ano.

Na segunda parte da carta, António de Cabedo fala dos princípios que regularam a elaboração do *Fontellum* e refere ter ouvido dizer que D. Gonçalo já havia feito vários melhoramentos. Testemunha este facto no epigrama que apresenta no fim da carta:

*Hoc nemus, hi fontes, haec culta rosaria, quaeque
ingens in mediis insula uernat aquis,
atque antiquas regum uincentia moles,
et quae mille domus clausa tuetur aues,
omnia corruerant et uix uestigia tanti,
quid non longa terunt saecula? ruris erant.
Goncallus uigil haec Pinarius arua refecit,
addidit et priscis plurima dona locis.*

«Este bosque, estas fontes, estes vicejantes rosais
e esta grande ilha que reverdesce no meio das águas,
e a casa que supera as antigas construções dos reis,
e aquela gaiola que mil aves guarda;
tudo se desmoronara (o que é que os longos séculos não danificam?)
[e mal

havia vestígios de tão importante quinta.
Gonçalo Pinheiro, atento, renovou estes campos e
acrescentou muitos melhoramentos aos antigos lugares.»

Apesar destes melhoramentos, D. Gonçalo ainda não deveria estar em Viseu há muito tempo, pois António de Cabedo termina a carta desejando que o seu tio usufrua por muito tempo das delícias da Quinta:

*Reliquum est, ut Deum Opt. Max. precemur, ut te istius uillae deliciis diu
multumque frui uelit.*

«Resta que supliquemos a Deus, muito bom e muito grande, para que
queira que tu usufruas muito e por muito tempo das delícias desta quinta de
recreio.»

Sendo assim, esta carta e o segundo epigrama devem poder datar-se de 1554, salvaguardando, no entanto, os riscos inerentes à falibilidade de qualquer conjectura cronológica.

António de Cabedo deixa transparecer, nesta carta, algumas influências ciceronianas através do uso de expressões frequentes na corres-

pondência de Cícero, tais como: *meo quidem iudicio; omni ex parte; reliquum est ut*. Este facto indicia um conhecimento bastante profundo da obra deste autor por parte de António de Cabedo.

Fixemo-nos agora no poema *Fontellum*, um poema constituído por 258 hexâmetros dactílicos, onde António de Cabedo celebra as delícias da Quinta do Fontelo no tempo de D. Miguel da Silva, apresentando-a como rival dos famosos jardins da Antiguidade.

Recheado de alusões mitológicas que constituíam na poesia renascentista, novilatina ou vernácula, um dos recursos preferidos, o *Fontellum* dá-nos uma descrição algo fantasiada do Fontelo, apresentando-nos um quadro onde os jardins, os pomares, os bosques, os lagos, as fontes, as cascatas e as enormes gaiolas de aves se interligam harmoniosamente, e onde o murmúrio das águas e o canto das aves produzem uma doce consonância. Apesar do poeta se ter deixado impressionar mais pela imaginação do que pela realidade, o *Fontellum* é, contudo, o único documento conhecido que nos descreve o Fontelo na sua época de maior esplendor. Este poema assume, por isso, um duplo valor, enquanto obra literária e enquanto documento histórico, ainda que, neste último aspecto, tenhamos que ter em conta todos os condicionamentos inerentes ao facto de se tratar de uma descrição poética. A quinta do Fontelo foi, efectivamente, uma das quintas de recreio que, em Portugal, maior notoriedade alcançou no século XVI, mais propriamente no tempo de D. Miguel da Silva, período em que atingiu o máximo do seu esplendor.

D. Miguel da Silva, na época em que foi ocupar o bispado de Viseu, (foi nomeado bispo de Viseu em 21 de Novembro de 1526) estaria certamente a par do esplendor que em Itália, e mesmo em França, todas as artes estavam a tomar, em especial as mais directamente relacionadas com a habitação, tanto no ordenamento dos espaços interiores, como no dos exteriores; e não podia deixar também de ter sido influenciado pelo ambiente em que, durante tantos anos, vivera⁴. De facto, não esqueçamos, como nota Sousa Viterbo, que «D. Miguel da Silva, pelos seus modos insinuantes, pela sua sagacidade e talento, pelas suas tendências literárias e gosto pela poesia, era um verdadeiro italiano do Renascimento, um daqueles tipos que Balthazar Castiglioni escolheria de preferência para modelo do seu Cortegiano, obra que lhe dedicou»⁵.

⁴ Vide Ilídio de Araújo, *A Arte Paisagística e a Arte dos Jardins em Portugal*, Lisboa, 1962, p. 84.

⁵ In *Jardinagem em Portugal*, 2.^a série, Coimbra, 1909, p. 33.

Foram várias as obras realizadas por D. Miguel da Silva no Fontelo, com particular realce para as do jardim. Infelizmente, não chegou até nós qualquer descrição suficientemente fiel que nos permitisse ter uma ideia clara do que seriam os célebres jardins mandados executar no Fontelo por diligência e sob orientação deste prelado. As referências mais antigas a estes jardins encontram-se precisamente no poema *Fontellum* onde, dominado pela sua fantasia poética, António de Cabedo exaltou as belezas panorâmicas, transformando o mais modesto em proporções grandiosas.

Enquanto obra poética, o *Fontellum* apresenta nítidas influências de autores clássicos, nomeadamente Ovídio, Lucrecio, Homero, Estácio e, sobretudo, Virgílio, revelando ainda a leitura de autores como Horácio, Hesíodo, Plínio e Valério Flaco. Note-se, no entanto, que António de Cabedo raramente transcreve versos inteiros, quase sempre os adapta, partindo de uma ideia simples, cuja fonte é facilmente identificável, para a exprimir de uma forma verdadeiramente pessoal revelando toda a sua capacidade criadora e deixando, por vezes, transparecer a sua formação religiosa.

Note-se que o facto de um poeta imitar ou mesmo transcrever versos dos seus modelos era, no século XVI, prática corrente, surgindo, quase sempre, como consequência espontânea de uma admiração deslumbrada em relação a esses mesmos modelos. A originalidade de António de Cabedo em relação aos modelos clássicos está também, seguindo um hábito renascentista, no facto de querer demonstrar erudição. Para tal, fez uso de nomes geográficos, de certo modo exóticos, que não coincidem com os nomes habituais; é o caso de *Cabili* (v. 88), termo não documentado; *Corduba* (v. 105) que nunca aparece como denominação de um rio; *Omnena* (v. 112) que não conseguimos identificar; e *Polymella* (v. 113), suposto nome pelo qual era, outrora, conhecida a vila de Palmela⁶. Também no campo da prosódia, António de Cabedo revela, no *Fontellum* e não só, um perfeito domínio da métrica latina.

Por tudo isto, parece-nos justo considerar António de Cabedo um poeta que domina com eficiência a língua latina clássica, de cujos autores é profundo conhecedor, e que sabe, segundo os preceitos da poesia novilatina, aproveitar o modelo escolhido, neste caso predominantemente Virgílio, para o enriquecimento da sua criação poética.

⁶ Cf. «Vita clarissimj uiri Michaelis Cabedii», in *De antiquitatibus Lusitaniae*, 1597, p. 393.

O poema *Fontellum* deve ter sido escrito em Agosto e Setembro de 1553. Em relação aos meses, não há quaisquer dúvidas pois é o próprio António de Cabedo que o diz na sua carta:

...postea uero mense Augusto et Septembri quo tempore de more studia nostra relaxari solent, statui succisiuis horis hoc ipsum latius prosequi.

«...Em seguida, nos meses de Agosto e Setembro, tempo em que os nossos estudos costumam ser atenuados, resolvi, nas horas vagas, continuá-lo mais largamente.»

Quanto ao ano, sabe-se que o poema teve de ser escrito depois da vinda para Viseu de D. Gonçalo Pinheiro, em 1553, pois o poeta nos versos 239-240 diz:

*Sis felix, longumque bonis his utere, gentis
Laus ingens, Goncalle, tuae...*

«Sê feliz e usa destes bens por longo tempo,
ó Gonçalo, grande glória da tua gente...»

Apontamos o ano de 1553 porque, do citado extracto da sua carta, deduz-se que o poema foi escrito entre dois anos lectivos; ora sabe-se que em 18 de Julho de 1554 o poeta fez exame para bacharel em Cânones, não tendo, por isso, continuado a estudar no ano seguinte.

Mas comentemos então o poema *Fontellum* que começa pela seguinte invocação:

*Hortorum, nemorumque potens Pomona, beatas
quae dudum has sedes et laeta uireta relictas
incolis Ausonia; uosque o quae rore perenni
iugera proluitis uiua de rupe Napaeae;
tuque adeo regina Venus, mitissima frugum
atque hominum fecunda parens, cui roscida cordi
germina, quam diues, longo licet obsitus aeuo,
spirat adhuc locus, et tanti uestigia ruris
testantur sprete quondam incoluisse Cythera. (vv. 1-9).*

«Ó Pomona, Senhora dos jardins e dos bosques, que, abandonada Ausónia, habitas, há algum tempo, estes bem-aventurados lugares e estes aprazíveis jardins; e vós, ó Napeias que, com a inesgotável água natural que cai da rocha viva, banhais as terras; e tu principalmente, rainha Vénus, mãe fecunda dos doces frutos e dos homens, a quem agradam os rebentos orvalhados, a quem exala ainda este rico lugar, embora cumulado de longos anos, e que os vestígios de um campo tão valioso testemunham tê-lo tu outrora habitado, desprezando Citera». (vv. 1-9).

As três divindades invocadas são: Pomona, responsável pela guarda da vinha e da oliveira; as Napeias, ninfas dos bosques e dos vales; e Vénus, divindade itálica protectora das hortas e dos jardins (mais tarde identificada pelos romanos com a deusa grega Afrodite). Todas estas divindades estão ligadas a um ou outro dos elementos que constituem o Fontelo.

A invocação de Vénus feita por António de Cabedo:

*Tuque adeo regina Venus, mitissima frugum
Atque hominum fecunda parens...* (v. 5-6)

«E tu rainha Vénus, mãe fecunda dos doces
frutos e dos homens...»

apresenta semelhanças com a que Lucrecia faz no seu *De rerum natura* I, 1-2:

*Aeneadam genetrix, hominum diuomque uoluptas
Alma Venus...*

«Ó venerável Vénus, mãe dos romanos, prazer dos
homens e dos deuses...»

O poeta pede às deusas que percorram com ele «todos os recônditos da casa e do grande bosque de beleza admirável. (...) pois nenhum bosque em qualquer outra parte (diz o poeta) vos distrai com mais alegria quando estais cansadas; é agradável, quer dormir sonos divinos na relva, no meio dos bosques sombrios, quer aliviar os membros celestes no fresco regato, quer enfeitar a cabeça com grinaldas de rosas ou ainda colher flores imortais pelos prados verdejantes» (vv. 12-19).

*Cuncta domus magnique decus mirabile luci,
atque omnes mecum pigeat lustrare recessus:
(...) nec enim iucundius ullum
parte alia fessas recreat nemus, inter opacos
seu lucos iuuat ambrosios in gramine somnos
flumine, seu roseis capita exornare corollis,
et legere aeternos per prata uirentia flores.* (vv. 12-19)

Para realçar a beleza do Fontelo, ele compara-o com os antigos jardins dos Feaces, jardins maravilhosos que rodeavam o palácio do rei Alcínoo e que Homero descreveu na *Odisseia*, VII, 112-132, e com os jardins mandados construir por Nero para a sua «*Domus aurea*» e que se estendiam entre o Palatino e os jardins de Mecenas⁷.

⁷ Cf. Suetónio, *Nero*, XXXI, 1-2.

São estas as suas palavras:

*Ergo siue situm spectes, seu munera, nulli
plus, dices, natura loco dedit, inuida quamuis
miratrixque sui, nimiumque superba uetustas
Alcinoum et ueteres Phaeacum concinat hortos.
Quippe soli non bis duo tantum iugera, uerum
dorsum immane iugis complectitur undique; tales
hortorum celebres moles et rura Neronis,
fama canit, cum Reginam mundique capacem
una domus miseris exhaustit ciuibus Urbem.
Tanta adeo nemorum maiestas, tanta locorum
Gratia. (vv. 20-29)*

«Portanto, quer tu contemples o lugar, quer as suas dádivas, dirás: a nenhum outro a natureza, ainda que invejosa e admiradora de si própria, concedeu mais, e a soberba antiguidade embeleza excessivamente Alcínoo e os antigos jardins dos Feaces. Na verdade não são apenas duas vezes duas jeiras de terra, pois uma enorme encosta rodei-as de todos os lados com as suas alturas. Tais, segundo canta a fama, são os célebres edifícios e campos dos jardins de Nero, no momento em que uma só família exauriu, em prejuízo dos infelizes cidadãos, a grande cidade soberana do mundo. É tão grande a majestade dos bosques, tão grande a graça dos lugares.» (vv. 20-29).

Tal como o poeta refere, a ornamentação deste lugar não foi «resultado da opulência duma fortuna privada, mas sim da de uma série de muitos pontífices em longa sucessão. Pela arte e pelo engenho superou o notável Miguel da Silva todos estes e construiu, com inúmeras ajudas, uma soberba residência de campo» (vv. 30-34)

*... Priuatae non hoc opulentia sortis
Multorum sed enim series longo ordine ducta
pontificum decoraui opus. Quos arte Michael
Syluius ingenioque omnes superauit, et alta
ingens innumeris struxit praetoria donis. (vv. 30-34).*

Ao contrário do que a afirmação do poeta nos pode levar a pensar, não foi D. Miguel da Silva quem mandou construir o edifício do paço do Fontelo. Este deve-se ao bispo D. João Homem que, em 1399, deu início à sua construção. A D. Miguel coube não só restaurá-lo, mas também mandar executar vários outros melhoramentos, nomeadamente magníficos jardins, que tornaram o paço do Fontelo numa soberba quinta de recreio tipicamente renascentista. D. Miguel da Silva foi um verdadeiro mecenas que colocou a sua fortuna (cerca de 8 mil cruzados anuais de rendas em Portugal) ao serviço da renovação das

artes no sentido renascentista. Para além da sua fortuna, D. Miguel dispunha também de um arquitecto privativo italiano — Francesco de Cremona — o que acontecia apenas com meia dúzia de grandes senhores fora da Itália. António de Cabedo, depois de ter elogiado a arte e o engenho de D. Miguel da Silva, critica o que ele considera uma exagerada ambição. A atribuição de uma ambição desmesurada a D. Miguel da Silva era bastante frequente, de tal modo que um anónimo, quando se falava na sua eleição para substituir Paulo III, escreveu na estátua de Pasquim: «Não elejam papa o Cardeal Viseu, porque vai querer morar no Coliseu!»⁸ D. Miguel tinha, de facto, razões de sobra para se mostrar orgulhoso e satisfeito da sua fortuna em Portugal; no entanto, a sua fuga para Itália (em 1540) e a sua ascensão ao cardinalato (em 1541) viriam a fazê-lo cair em desgraça na corte portuguesa e a ter de suportar o ódio e a perseguição que D. João III lhe moveu, humilhando-o e rebaixando-o da sua antiga altivez de carácter. O poeta termina a referência a D. Miguel da Silva exclamando:

*Heu qualem amisit campum, quae iugera, quales
delicias! Non uirginibus bacchata Lacaenis
Taygeta, aestiui melior non umbra Lycaei.* (vv. 40-42)

«Ó que campo ele abandonou, que terras, que delícias! Não é melhor o Taygeto percorrido em cortejos báquicos pelas virgens da Lacedemónia, nem é melhor a sombra estival do Liceu» (vv. 40-42).

Ao comparar o Fontelo a dois famosos montes gregos, António de Cabedo realça positivamente o valor do Fontelo e negativamente a atitude de D. Miguel da Silva.

Continuando a sua exaltação do Fontelo, o poeta apresenta-o como um novo paraíso:

*Haud alios miranda inter primordia mundi,
ante nefas primaque scelus letale parentis,
(parua nimis magnis componere, sacra profanis
si licet) aeternos nostris genitoribus hortos
crediderim fecisse Deum; cum quidquid in orbe
egregium toto, sapiens, formarat, in unam
congressit pariter Diuina Potentia sedem.
Usque adeo rerum plena omnia, quidquid ubique*

⁸ Cf. Rafael Moreira, «D. Miguel da Silva e as origens da arquitectura do Renascimento em Portugal» in *Mundo da Arte*, n.º 1, (1988), p. 19.

*gignitur; inuenies ibi, seu legisse salubres,
seu tibi odoriferos placeat mage carpere flores* (vv. 54-63)

«Entre os primórdios extraordinários do mundo, antes do sacrilégio e do crime fatal do primeiro pai, (se é lícito comparar as coisas pequenas às muito grandes e as sagradas às profanas) eu acreditei que Deus não tinha feito outros jardins eternos para os nossos genitores; mas o Divino Poder, na sua sabedoria, depois de ter formado tudo quanto há de notável em todo o Orbe, juntou-o por igual num só lugar. Todas estas terras estão tão cheias de coisas, tudo é produzido por toda a parte. Aí encontrarás o que mais te agrada, quer seja apanhar ar puro quer seja colher flores odoríferas.»

(54-63)

Mas, ao mesmo tempo, parece-nos que ele o apresenta como uma reminiscência da famosa Idade do Ouro, tema de larga tradição entre os autores gregos e latinos que trataram a origem do mundo⁹. Aliás os versos 61-62 do *Fontellum*:

*Usque adeo rerum plena omnia, quidquid ubique
gignitur...*

«Todas estas terras estão tão cheias de coisas, tudo é produzido por toda a parte...»

parecem ter uma certa influência de Ovídio, *Metamorfoses*, I, 101-102.

*Ipsa quoque immunis rastroque intacta nec ullis
Saucia uomeribus per se dabat omnia tellus.*

«Também a própria terra, livre, sem ser tocada pela enxada, nem ferida pelo arado, dava tudo por si.»

Esta coexistência de elementos cristãos e pagãos é frequente neste poema, seguindo, aliás, um hábito bem ao gosto dos humanistas.

As belezas naturais do Fontelo fazem dele um local propício para a criação de histórias fabulosas. É o que se pode deduzir dos versos 135-142, onde o poeta, dirigindo-se ao destinatário do poema, o seu tio D. Gonçalo Pinheiro, diz:

*Credes pressas sub pondere Nymphas
mille sibi quaesisse uias, studioque uidendi,
exciso pulchras de saxo exisse Napaeas.*

⁹ Vide Hesíodo, *Trabalhos e Dias*, 106-126 e Ovídio, *Metamorfoses*, I, 89-112.

*Hic etiam, quanquam diuersa ab sede profectas,
congestasque uno pariter sub fornice Nymphas
aspicias. Hic dulce sonant, hic dulce susurrant,
hinc blandos strepitus et pene loquentia miscent
murmura, quoque ualent se se sermone salutant.*

«Com o prazer de ver, acreditarás que as Ninfas, apertadas debaixo de um peso, procuraram para si mil caminhos, e que as belas Napeias saíram de uma pedra escavada. Aqui também, embora idas de um lugar diferente, talvez vejas as Ninfas amontoadas debaixo de uma abóbada. Aqui murmuram docemente, aqui sussurram docemente, em seguida misturam os brandos ruídos e os murmúrios quase eloquentes, e também se saúdam e cumprimentam na sua língua.»

O mesmo se deduz dos versos 167-179:

*Ergo magna nimis sint haec licet, ardua quanquam,
et per se cunctis satis admiranda, reducunt
attamen attonitos alio stagnantia uisus
flumina, quaeque decens mediis consurgit in undis
insula, Nympharum domus opportuna, suasit.
aestus et ardentis quoties iniuria Solis.
Hunc trepidae (festiua cohors) adnare Napaeae
dicuntur, Satyrum quoties lasciuia gratis
exagitat male sana locis. Hic mollia tritae
otia et ambrosios carpunt in gramine somnos.
Stat montana procul pubes reuocatque, et agrestes
nequicquam calamos inflant, nec amantia cessant.
carmina et immeritis conuicia fundere ripis.*

«Mas, por muito grandes que sejam estas coisas, por muito altas, e só por si dignas de ser admiradas; os rios estagnados, contudo, fazem voltar os olhos atónitos para outro lugar, pois uma ilha harmoniosa, cómoda morada das Ninfas, que o ardor e o rigor do sol, quantas vezes ardente, aconselha, eleva-se no meio das águas. Dizem que as Napeias, agitadas, nadam para lá (gracioso cortejo) todas as vezes que a lascívia malsã dos Sátiros as atormenta nestes agradáveis lugares. Aqui, cansadas, usufruem de agradáveis repousos e dormem sonos divinos na relva. Ao longe permanecem imóveis e voltam a chamá-las os jovens da montanha; em vão tocam flautas agrestes e não cessam de soltar cânticos amorosos e clamores nas margens que não tinham culpa.»

Já na Idade Média se criou uma história em torno de um castanheiro que existiu no Fontelo e que se tornaria célebre sob o nome de «castanheiro dos amores» por ter sido, segundo a lenda, o confidente dos amores de Martim Afonso e de Alda, filha de D. Soeiro¹⁰.

¹⁰ Vide José Branquinho, *O Castanheiro dos Amores (Poemeto patriótico e d'amor)*, Lisboa; 1913, onde a lenda é relatada em verso.

Continuando a sua descrição encomiástica, o poeta compara, nos versos 191-196, o Fontelo aos campos dos heróis e aos «terrenos afortunados dos Bem-Aventurados junto à Hespéria e ao pôr do sol, rodeados pelo mar profundo de ondas ressonantes que os Manes, semi-deuses, habitam. Aqui, (diz o poeta), preferiria passar a vida, abandonando outros lugares, a filha de Eétes e igualmente aquela que depois amou o infeliz Ulisses».

*Tales Hesperiam iuxta Solemque cadentem
heroum campos et fortunata piorum
iugera, fluctisono circumuallata profundo,
semidei Manes habitant. Hic ducere uitam
mallet, postpositis aliis, Aeeτίας, et quae
post infelicem pariter dilexit Ulixem. (vv. 191-196)*

Realce-se o carácter hiperbólico destes versos, pois é notório o cuidado que o poeta teve na escolha das alusões míticas. Senão vejamos: os campos dos heróis são os Campos Elísios, lugar aprazível e dotado de clima ideal, situado no extremo ocidental da Terra, segundo Homero ¹¹, ou nas ilhas dos Bem-Aventurados, à beira do Oceano, segundo Hesíodo ¹². Reservado aos filhos dos deuses, este lugar de felicidade veio a receber também certos heróis e outras personagens escolhidas pelos deuses.

Em Virgílio, os Campos Elísios são apresentados como fazendo parte do mundo subterrâneo do Hades, como planície paradisíaca, onde as sombras dos mortos, virtuosos na vida, gozavam de uma felicidade eterna ¹³.

A Hespéria era uma região lendária situada algures no extremo ocidente, no rio Oceano, perto da ilha dos Bem-Aventurados, segundo uns, perto do Monte Atlas, na Mauritània, segundo outros. Mais tarde serviu mesmo para designar a Itália, país ocidental em relação à Grécia ¹⁴, e a Hispânia, região ocidental em oposição à Itália ¹⁵. Foi também utilizada para significar apenas o Ocidente.

No *Fontellum*, o poeta deve estar a querer referir-se à região situada perto da ilha dos Bem-Aventurados onde, segundo a lenda, as Hespérides guardavam os pomos de ouro que a terra tinha oferecido a Hera e a Zeus como presente de casamento.

¹¹ Cf. *Odisseia*, IV, 561-569.

¹² Cf. *Trabalhos e dias*, 170-171.

¹³ Cf. *Eneida* VI, 637 e sqq.

¹⁴ Cf. Virgílio, *Eneida* I, 530 e 569.

¹⁵ Cf. Horácio, *Carmina* I, 36, 4; Camões, *Lusíadas*, II, 108.

A filha do rei Éetes da Cólquida é Medeia¹⁶ que habitava a Cólquida, um país fabuloso para onde se dirigiu a expedição dos argonautas em demanda do velo de ouro¹⁷.

A referência «àquela que depois amou o infeliz Ulisses» é uma provável alusão à ninfa Calipso que vivia na ilha Ogígia, uma ilha maravilhosa, onde ela acolheu Ulisses naufragado devido a uma tempestade, ao regressar de Tróia. Apaixonando-se por Ulisses, ela reteve-o consigo, com promessas de imortalidade, durante sete anos¹⁸. Veja-se que, segundo o poeta, quer Medeia, quer Calipso, apesar de viverem em locais fabulosos, prefeririam viver no Fontelo.

O poeta passa depois a descrever, com bastante pormenor, a vivência das aves neste local, dizendo:

*(...) Nusquam toto orbe uagandi
tanta auibus data libertas, non claustra, sed altis
esse putes regum palatia nixa columnis;
unde neque immensi fastidia carceris horret,
nec graue sentit onus uolucrum grex, seque teneri
cum sciat, ingentes euadere nollet in agros.
Tantus amor caeuae, tam dulcia uincla. Sub alis
implumes fouet haec natos, nidum illa domumque
aédificat, dulces maesta haec suspirat amores,
ereptumque gemit comitem uiduata, salacem
illa marem eludit metuens seseque sequenti
surripit, et celeres fallit lasciua uolatus.
Incassum studio plures et amore lauandi
obiectant undis humeros, multoque fluentes
perturbant fontes et stagna liquentia lusu.
Cuncta patent, et rara licet sint retia, passim
admittunt faciles uisus. (...)* (vv. 200-216)

«Em nenhuma outra parte em todo o Orbe, tanta liberdade de vaguear foi dada às aves. Não há limites, mas julgar-se-ia que o palácio dos senhores está apoiado em altas colunas; daí o bando das aves não temer a repugnância de um imenso cárcere, nem sentir um fardo pesado e, embora sabendo que estava preso, não querer sair para os campos imensos. É tão grande o amor à gaiola e são tão doces as algemas. Uma aquece debaixo das asas os filhos ainda sem penas, outra constrói o ninho e a casa; uma, viúva triste, suspira pelos doces amores e lamenta o companheiro desaparecido; outra, receosa, evita o macho atrevido e afasta-se quando ele a segue e, brincalhona, engana-o

¹⁶ Aparece assim referida em Ovídio, *Metamorfoses* VII, 9 e 326.

¹⁷ Vide Apolónio de Rodes, *Argonáutica*, III, 210-248, onde ele descreve a fabulosa cidade e o palácio do rei Éetes.

¹⁸ Cf. Homero, *Odisseia* V, 13-281; VII, 243-266.

com rápidos voos. Pelo gosto e prazer de se lavar, muitas expõem em vão o dorso às águas e, com a sua brincadeira, perturbam muito as fontes correntes e as águas paradas. Está tudo à mostra e visto que as redes são de malhas largas, permitem uma fácil observação para todos os lados.» (200-216).

Esta bela descrição serviu de guia àquela que Baltazar Teles fez no séc. XVII, na sua *Chronica da Companhia de Jesu na Provincia de Portugal*, Lisboa, 1645, vol. I, pp. 125-126, onde o cronista da Companhia de Jesus descreve a quinta do Fontelo no tempo de D. Miguel da Silva dizendo que este a «fez jūto da cidade de Viseo, cõ paços pōtíficas, pera habitaçam dos prelados daquella mitra, e com outras grãdezas que eram partos do seu ânimo grandioso; porque dentro da quinta se estendiam grãdes ruas de parreirae, bosques muy frescos, tanques muy fermosos, fontes de grãde artifício, e outras notáveis curiosidades; entre as quaes se viam gayolas de fio de arame, de tal altura, e capacidade, que dentro livremente voavam os pássaros, e não se dando por prezos, pela liberdade do lugar, faziam seus ninhos, e criavam sobre as árvores (que ficavam dentro das redes) dando agradáveis músicas a quem lhes dava tam livres prizões, que estando metidos em redes, cuidavam andarem alegremente soltos pelos campos; tam preciosa cousa he a liberdade, que até aos brutos, só imaginada, recrea.»

A frequente referência a esta descrição¹⁹ em detrimento da de António de Cabedo, deve-se ao desconhecimento de que tem sido alvo este poeta, mas não restam dúvidas de que, independentemente de Baltazar Teles ter ou não visitado o Fontelo, a sua descrição é o resultado da adaptação da de António de Cabedo.

As referências hiperbólicas continuam nos versos 216-222, agora no respeitante à quantidade de aves existentes no Fontelo. Diz o poeta:

(...) *Cumque omnia cernas
uix species numerare queas, uix nomina, non tot
Ionio fluctus uoluuntur in aequore, non tot
Memnonis exequias celebrant, non Strymona plures
delectant clangore grues; tot millia nunquam
ille senex, cui sunt perituri tradita mundi
semina, fluctuaga prudens seruauit in arca.*

«Quando tiveres visto, com custo, todas as espécies, dificilmente poderás enumerar os nomes de todas, nem são tantas as ondas que se revolvem no

¹⁹ Referem-se a ela, por exemplo, Francisco Alexandre Lobo, *Obras*, I, Lisboa, 1848, p. 246 e Fortunato Casimiro, «Viseu — O Cardeal D. Miguel da Silva — A Quinta de Fontello» in *O Liberal*, n.º 163, 2.º ano, 1858.

mar Jónio, nem tantas celebram as exéquias de Mémnon, nem um tão grande número de grous, com o seu grito, encantam o Estrimão; nunca o famoso velho, a quem foram confiadas as sementes de um mundo que vai morrer, guardou, prudente, tantos milhares na arca que vagueia sobre as ondas.

Mémnon foi um rei dos Etíopes, filho de Titono e da deusa Aurora, que foi em auxílio de Tróia com um numeroso exército. Mémnon, morto por Aquiles, foi sepultado nas margens do Helesponto. Todos os anos se podia observar como se reuniam ali umas aves que choravam a morte do herói. Estas aves, chamadas memnónidas²⁰, eram consideradas os companheiros de Mémnon transformados depois da sua morte, ou então as suas cinzas que, deste modo, tinham adquirido a imortalidade. Estas aves dividiam-se todos os anos em dois grupos que lutavam entre si, parando apenas quando metade delas tivesse perecido. Note-se também, mais uma vez, uma referência cristã num poema onde abundam as referências pagãs. De facto, quando o poeta fala do «famoso velho, a quem foram confiadas as sementes de um mundo que vai morrer, e que guardou, prudente, tantos milhares na arca que vagueia sobre as ondas», está a fazer alusão a Noé e à sua arca.

O poeta termina o poema exortando o seu tio, D. Gonçalo Pinheiro (bispo de Viseu entre 1552 e 1567), a permanecer sempre no Fontelo, pois, diz o poeta:

*Hic melius tranquillus ages et, pectore magno,
fortunae bona descipies fallacia; non te
auersum trahet ambitio, non luxus, et alta
praecipue regum penetrans palatia fastus.* (vv. 248-251)

«Aqui, tranquilo, viverás melhor e, com nobre coração, desprezarás os enganadores bens da fortuna; nem a ambição, nem o luxo, nem sobretudo o orgulho de frequentar os nobres palácios dos reis te arrastarão contra tua vontade.» (vv. 248-251)

Terminamos assim, guiados pelo poema *Fontellum*, esta breve visita ao Fontelo dos meados do século XVI, altura em que esta encantadora obra da natureza se encontrava no auge do seu esplendor; esplendor que, pouco a pouco, se foi diluindo nos séculos seguintes, de tal modo que em 1924 Severo de Figueiredo lançava, no jornal

²⁰ Cf. Ovídio, *Metamorfoses* XIII, 576 e sgs.

Notícias de Viseu de 6 de Janeiro de 1924, p. 2, um grito de alerta que, pela sua beleza, não resisto a transcrever:

«Fontelo, há muito votado ao abandono, onde se não limpa uma rua, onde não se replanta uma árvore, onde não se cuida do arvoredo, está entregue ao comprazer dos carvoeiros e salteadores.

Acabam de ser vendidas vinte e cinco das árvores mais anosas, mais soberbas, mais magestosas da mata. Daqui a um mês, passar-se-hão a almoeda outras tantas, e depois outras e outras... Até Fontelo se transformar no mais aprazível, no mais moderno dos parques, género inglês.

Eu não sei se todos os meus patrícios se emocionam ou sensibilizam diante dum venerando tronco, enrugado, áspero, coberto de hera?

Eu não sei se toda a gente se descobre com respeito ante uma carvalheira velhíssima ou um castanheiro secular... Para mim uma velha relíquia vegetal é sempre um impressionante tema de beleza, um sensibilizante relicário de humanismo.

No mistério fecundo das raízes, na atitude patriarcal dos troncos, na benção rumorosa das ramadas, quanto equivalente humano em sofrimento e beleza. A árvore é sempre fruto, abrigo, sombra; por outras palavras: é sempre Amor, Beleza, Paz.

Compreende-se o ódio do homem ao homem; não se compreende o ódio do homem à árvore. E, entretanto, ele existe vivo, bárbaro, inexplicável. É o ódio instintivo e formidável dos incultos a todas as expressões vivas de beleza.

A responsabilidade do atentado não é de ninguém porque é de nós todos. Não é do povo, a quem falta não só a cultura estética mas toda a cultura, mas é dos dirigentes, sobretudo dos educadores. Se nas nossas escolas se ensinasse o culto da Arte, da Beleza, se as gerações se preparassem em plena luz, em pleno ar, em plena Beleza, já tamanhos desacatos seriam impossíveis. Infelizmente ainda nas nossas escolas se não ensina a amar a árvore, corrigindo nas crianças as instintivas tendências destruidoras.

Gente da minha terra: não permiti que a obra infame do machado lenheiro se complete. É preciso pôr cobro a esta obra de destruição e de morte. Não deixar que velhíssimas relíquias, magestosos exemplares, venerandos de vetustez, impressionantes de beleza, sejam reduzidos a carvão. A ancestralidade destes gigantes reclama outra sorte, outro destino. E não julguéis que estão condenados apenas os castanheiros musgosos e carcomidos...

Não! A mesma fúria destruidora e mercantilista ameaça de morte árvores ainda cheias de vigor, de rudezas e de altivez, vidas vegetais enérgicas tão exuberantes e orgulhosas no seu porte. Se lhe não acudis, Fontelo será, em breve, uma charneca, um descampado.»

Felizmente o Fontelo não se transformou numa charneca ou num descampado, pois, embora hoje, o Fontelo possua dimensões muito mais reduzidas do que as que possuía no tempo de D. Miguel da Silva, e já não seja propriamente o paraíso terreno cantado por António de Cabedo, continua, no entanto, a ser não só um belo e salutar local de lazer, mas também um local propício à inspiração poética que, aquando de uma passagem por Viseu, merece ser visitado.